

O movimento histórico aponta hoje a algo diferente, pelo menos em aparência: tudo deve ser *light*, mesmo que ao ritmo *fast food*. As psicoterapias breves e *light*, de orientação psicanalítica declarada por vezes, ganham espaço junto ao grande público e às instituições seguradoras da saúde. Os psicanalistas, justificados pela rasura da formação dos colegas recém-inseridos e por vezes imbuídos de soberba intelectual, vão encontrar interlocutores em meios mais eruditos, ou no mínimo mais letrados.

O que acontece à clínica? Não deixou de ser a ocupação do psicanalista – seja por efeito de sua análise pessoal ou pela demanda que continua a ser-lhe colocada –, mas ela também parece ter-se movimentado. *Variantes do tratamento padrão* é um texto que pode nos lembrar a questão, de outro modo colocada por um colega: *isto ainda é psicanálise?*

Finalizando, encontrei um retrato não muito diferente do que costumamos ter em mente: o movimento lacaniano encontra a resistência própria ao momento histórico atual (a sociedade *light* que sofre de obesidade mórbida não é por si só uma ironia?); por efeito de formação, os psicanalistas costumam encontrar interlocutores na intelectualidade erudita e buscar desafios na literatura (que aponta os não-ditos das grandes questões humanas) e na clínica, cada vez mais com os sujeitos excluídos de uma psicoterapia *light*.

O DISPOSITIVO DE ENLACE NO II CONGRESSO – ALGUMAS REFLEXÕES

Luciano Elia¹

Trigo para reflexão dos colegas da APPOA que, como nós, escolheram participar do Movimento que se denomina *Convergencia* – Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana – a seguinte pergunta: o que seria um Congresso que pudesse, à diferença dos tradicionais, trazer a marca própria deste movimento? Considerando que nossos Congressos Internacionais, hoje trienais, são a atividade mais ampla de *Convergencia* – aquela que se propõe a congregar o maior número possível de instituições-membro – como realizá-lo de forma que a lógica e a ética próprias ao modo de enlace proposto em *Convergencia* seja transmissível no próprio funcionamento do Congresso?

Tentando responder a esta pergunta, nós, da Comissão Organizadora do II Congresso de *Convergencia* (COCC) que se realizará no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, nos dias 27, 28 e 29 de maio de 2004, propusemos a todas as instituições-membro de *Convergencia* um dispositivo que tivesse a chance de transmitir aos participantes os modos de enlace e de trabalho que se encontram em operação e funcionamento no interior de cada instituição. Os membros de cada instituição – tantos quantos a isso se dispusessem – elaborariam um trabalho, dito preliminar, sendo que o próprio modo de elaboração destes trabalhos seria um *affaire* de cada instituição. E esses trabalhos seriam, por sua vez, objeto de trabalho dentro da instituição, vindo a serem “lidos” e “retrabalhados” por um membro desta mesma instituição, dito leitor-autor, a quem caberia a tarefa de elaborar um trabalho, dito final, a partir da leitura e da elaboração feita sobre os trabalhos preliminares. Este

¹ Psicanalista do Laço Analítico Escola de Psicanálise. Texto produzido em nome da CEL-RIO (Comissão de Enlace – RJ) e da COCC (Comissão Organizadora do II Congresso de *Convergencia*).

trabalho final é que seria apresentado no Congresso pelo leitor-autor, em Mesa com mais duas ou três apresentações de outros trabalhos finais de outras instituições, agrupados segundo critério temático (sub-temas do Congresso, que são 6, propostos pela COCC).

O objetivo deste pequeno texto não é explicar o dispositivo, o que já foi feito há bastante tempo pela COCC, mas fazer algumas reflexões sobre ele, e só o retomamos acima, de modo muito sucinto, com este objetivo. Será que a proposta do dispositivo é a de fazer do trabalho-final um texto-síntese dos trabalhos-preliminares? Que lógica está em jogo? Como sustentar que um membro (ou mais) de uma mesma instituição possa se deixar afetar pelo que um (ou mais) de seus pares pensa e escreve (ou, na ordem inversa, escreve e aí então é que pensa algo novo)? Como fazer este modo de afecção ser transmissível, ou seja, passar no novo escrito, elaborado a partir do que se leu e discutiu?

Em Paris, no I Congresso, tivemos um dispositivo que só em aparência é o mesmo, ou estruturado sobre os mesmos eixos. Lá também havia os autores, os leitores e os relatores, aqueles que, em terceira instância, elaborariam um texto a partir do que os leitores fizessem sobre o que os autores tivessem feito. Mas a instituição, como célula-base de *Convergencia*, não estava no centro do circuito. Os modos de trabalho e enlace, vigentes no interior do espaço institucional de cada uma, não eram convocados a darem suas notícias, não se davam a ver, a extrair, no nível do trabalho final apresentado. Por outro lado, toda a lógica baseada na afecção, sobre um psicanalista, daquilo que um colega seu produz, estava presente no dispositivo de Paris e é resgatado no nosso. Algo os aproxima, e algo os diferencia, fazendo com que convirjam. Convirjamos, pois, neste dispositivo, nesta convocação de palavra um pouco esquisita, mas cujos frutos podem ser bastante estéticos.

Rio de Janeiro, abril de 2004.

A FICÇÃO NA CURA E NA TRANSMISSÃO

Ana Vicentini de Azevedo

The mental features discoursed of as the analytical are, in themselves, but little susceptible of analysis. We appreciate them only in their effects.

Edgar Allan Poe

("The Murders of the Rue Morgue")

Ela ainda vai virar personagem", é a interpretação que uma analisanda faz, após muitas sessões em que se trabalhava sua difícil relação com a chefe, quem sistematicamente fazia submergir sua autoria de vários documentos importantes. Autoria e escrita são questões que têm comparado desde o início da análise desta paciente, em particular suas dificuldades em retomar a escrita ficcional, que ela abandona após um período de "crise", antes de iniciar essa análise. Nessa sessão, depois de um longo relato sobre mais uma "sacanagem" da chefe, a analisanda pausa por um bom tempo e conclui: "ela ainda vai virar personagem".

Uma interpretação contundente, que produziu sonoros efeitos no trabalho que esta paciente vem desenvolvendo e, sobremaneira, em mim, tanto que diz respeito à dimensão clínica quanto à psicanálise em extensão. Ela me abriu perspectivas de reflexão sobre o papel da ficção na condução de uma cura e, de maneira mais ampla, na transmissão da psicanálise, no enquadre ético que postula Lacan.

O deslocamento momentâneo que a interpretação promove (e que também é condição para sua elaboração) indica uma mudança subjetiva que vem ocorrendo na análise desta paciente, onde se tenta abandonar o gozo do sintoma em proveito da criação.

Um dos principais aspectos desta interpretação me parece ser a ambigüidade, ou melhor, o equívoco que permeia o sujeito "ela", lembrando,